

DIETAS CASEIRAS PODEM SER
RISCO PARA OS GATOS

MAGAZINE DE VETERINÁRIA DO ÍNDICE®

MAI 2019

VET DIGEST®

DOWNLOAD GRÁTIS

WWW.INDICE.PT

BICO DE LACRE
BELEZA MINÚSCULA

VIDA MARINHA
É URGENTE PROTEGER!

ATAQUES DE CÃES
PERIGOSOS
ESTÃO A AUMENTAR

DECISÃO DE TER CÃO
PODE ESTAR ESCRITA NO
ADN



ISSN: 2182-2220



9 771646 366003



TUPAM
editores SA



Dúvidas sobre medicamentos?

ÍNDICE.EU

É URGENTE PROTEGER!

6 VIDA MARINHA



18

BICO DE LACRE

Beleza com ligações para a vida!



16

Investigação

Diets caseiras podem ser um risco para os gatos



14 **Saúde Pública**

Ataques de cães perigosos aumentaram em 2018

15 **Virologia**

Cientistas descobrem mutações nas vacinas contra o VBI das galinhas

17 **Animais de Companhia**

Estudo destaca papel dos animais de companhia no bem-estar dos donos

26 **Investigação**

Cientistas criam antibiótico capaz de atacar apenas as bactérias más



29



27 **Saúde Animal**

Mutação genética pode ser a causa de problemas respiratórios em cães



28 **Legislação**

Governo quer criar Sistema de Informação de Animais de Companhia

29 **Investigação**

A decisão de ter um cão pode estar escrita no ADN

30 **Médicos Veterinários**

Sabe quais são as maiores fontes de stress para os médicos veterinários?


ÍNDICE[®] PRO

  **Android e iOS**



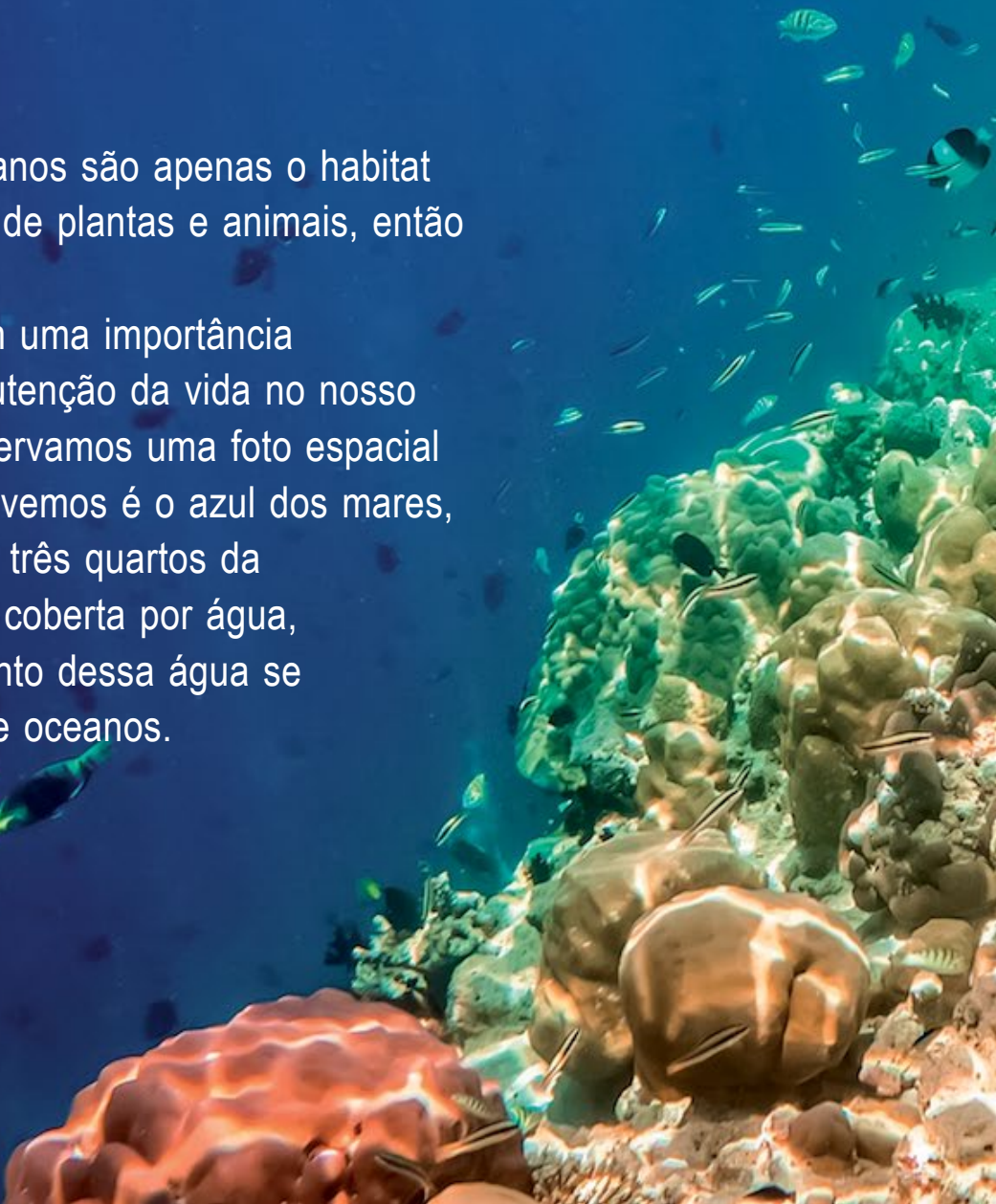
Compatível com as últimas versões iOS e Android
Faça Download Gratuito nas App Stores





Se para si os oceanos são apenas o habitat de um vasto número de plantas e animais, então está desinformado!

Os oceanos possuem uma importância fundamental na manutenção da vida no nosso planeta. Quando observamos uma foto espacial da Terra, tudo o que vemos é o azul dos mares, isso porque cerca de três quartos da superfície terrestre é coberta por água, sendo que 97 por cento dessa água se encontra nos mares e oceanos.



AMBIENTE

VIDA MARINHA É URGENTE PROTEGER!



Além de possuírem uma enorme biodiversidade, os oceanos são essenciais para a manutenção de toda a vida no planeta, pois fazem parte de vários ciclos geobioquímicos, têm um papel fulcral na fixação de CO₂, regulam o clima terrestre e são os maiores produtores de oxigénio do mundo. Eles também foram, e ainda são, cruciais para o desenvolvimento social e económico da sociedade.

Desde as sociedades antigas até aos dias atuais, os seres humanos têm vivido perto dos mares. Hoje grande parte da população mundial vive em zonas costeiras. Vários recursos fundamentais para a nossa sobrevivência (desde alimentícios, até mesmo os derivados de petróleo) são provenientes dos ecossistemas marinhos. Não nos podemos esquecer também do seu valor para o turismo e lazer.

O homem, porém, não tem sabido preservar nem proteger esta grande riqueza que são os oceanos – considerados berços da vida. Bem pelo contrário!

Os oceanos albergam aproximadamente 230 mil espécies, estimando-se que estejam ainda por descobrir cerca de 91 por cento do total de espécies existentes. Muitas das que se conhecem (377 aproximadamente) estão em perigo ou criticamente em perigo, segundo o Livro vermelho das espécies em perigo da IUCN (*The IUCN Red List of Threatened Species*, 2016).

Por muito que custe, a verdade é que as maiores ameaças à vida marinha são a pesca excessiva, alterações climáticas, atividades mineiras (exploração de petróleo, gás e minerais), a navegação comercial, as atividades turísticas, o desenvolvimento costeiro (navegação de recreio, desenvolvimento dos centros urbanos junto ao mar, hotéis e outros centros turísticos), e a poluição.



Mais de 80 por cento da poluição marinha provém de atividades humanas desenvolvidas em terra, e que chega aos oceanos de forma acidental ou deliberada. Estes poluentes tem as mais diversas origens, desde sacos plásticos a pesticidas passando por esgotos não tratados e por químicos tóxicos.



O homem não tem sabido preservar nem proteger esta grande riqueza que são os oceanos, considerados berços da vida.



O lixo marinho flutuante pode ser visto em todos os oceanos inclusive em áreas sem presença humana. Os plásticos (artes de pesca, boias, garrafas, sacos plásticos, balões, plásticos de embalagens, palhinhas, hastes de chupa-chupa, etc.) são atualmente reconhecidos como uma das mais importantes e preocupantes fontes de poluição do meio marinho e diz respeito a todos os habitats marinhos, tendo efeito global em toda a biodiversidade.

O inimigo é de plástico: impacto nas espécies

A poluição causada pelo plástico é uma das maiores inimigas da vida marinha. Se continuarmos a agir como até aqui, a previsão é que em 2050 os oceanos terão mais lixo do que peixes.

Precisamente numa tentativa de encorajar nas consciências pessoais, ações e compromissos para reduzir o plástico de uso único e promover uma mudança/transformação nas atitudes é que, este ano, o **Dia Mundial dos Oceanos** – que se celebra a 8 de junho –, tem por tema “Juntos, podemos proteger e renovar o nosso oceano”.

A solução passa primeiramente por um maior reconhecimento do problema e pela aplicação rígida das leis ambientais.

A educação ambiental da população é de extrema importância – as pessoas devem ser informadas sobre como pequenas ações individuais podem trazer consequências letais para a vida marinha.

Devido às suas características físicas os plásticos encontram-se amplamente espalhados pelo ambiente marinho. Estes podem matar os animais marinhos através de dois mecanismos principais: ingestão e aprisionamento.

Sabe-se que, pelo menos, 267 espécies já sofreram devido a enredamento ou ingestão de plásticos, incluindo aves marinhas, tartarugas, leões marinhos, focas, cetáceos, e peixes.

O plástico pode causar danos diretos nos seres marinhos através do emaranhamento/enredamento (causando morte por afogamento ou deformidades no corpo), ou má nutrição (bloqueio do aparelho digestivo e pseudo-satisfação por preenchimento do estômago) resultando frequentemente na sua morte.

Mas também existem danos indiretos relacionados com a acumulação de metais pesados e outros químicos, tais como bifenilos policlorados (PCBs), bifenilos polibromados (PBDEs) e hidrocarbonetos aromáticos policíclicos (PAHs).



Estima-se que os resíduos plásticos matam 100.000 mamíferos marinhos todos os anos, assim como tartarugas-marinhas, aves e peixes (*National Oceanographic and Atmospheric Administration, 2014*).

Muitos mamíferos marinhos morrem enredados em material de pesca à deriva, ou ficam com pedaços desses materiais presos ao corpo, causando deformações que acabam por os levar à morte.

Muitas tartarugas, que morreram pela ingestão de detritos, tinham plásticos ou linhas de pesca nos seus estômagos. Estes animais ingerem os detritos por os confundirem com as suas presas habituais (águas-vivas, caravelas ou outros seres gelatinosos) ou em conjunto com essas mesmas presas.

Estes plásticos provocam subnutrição, e podem causar lesões no trato intestinal, originando úlceras e necroses.

Além disso, conduzem à perda do controle de flutuabilidade devido ao alimento ficar mais tempo no estômago, o que leva à acumulação de gás no intestino.

Os peixes com cores claras e brilhantes podem facilmente ser confundidos com pedaços de plástico que flutuam na água. Para uma ave marinha, a diferença entre as suas presas naturais e os pedaços de plástico poderá ser quase inexistente. A ingestão de plásticos pode causar envenenamento, danos no aparelho digestivo e obstrução do mesmo, má nutrição e fome.

As artes de pesca (redes, armadilhas, linhas com anzóis, etc) abandonadas ou perdidas, que ficam à deriva ou presas nos fundos, continuam a capturar organismos marinhos durante muito tempo. Isto constitui um grande problema e afeta muitas espécies, principalmente mamíferos marinhos, tartarugas e peixes pelágicos, mas também as aves marinhas e outras espécies que vivem junto aos fundos.

Estima-se que os resíduos plásticos matam 100 mil mamíferos marinhos todos os anos, assim como tartarugas marinhas, aves e peixes.





Sabia que cerca de 10 por cento dos corais do mundo estão ameaçados por produtos químicos provenientes dos protetores solares?

Muitos animais morrem vítimas desta “pesca fantasma” e muitos outros, à semelhança do que acontece com outros detritos plásticos, ficam emaranhados/enredados o que acaba por lhes causar deformidades que os levam à morte.

Mas os malefícios do homem aos oceanos e à vida marinha não se ficam por aqui. Sabia que cerca de 10 por cento dos corais do mundo estão ameaçados por produtos químicos provenientes dos protetores solares?

O protetor solar é obviamente importante para a proteção contra os riscos dos raios ultra-violeta, no entanto, o homem deve ter mais cuidado na sua escolha.

Os produtos químicos carregados pelas cerca de 70 milhões de pessoas que visitam praias anualmente levam cerca de 6 mil toneladas de protetores solares que são dissolvidos no oceano a cada ano. Estes químicos, incluindo filtros orgânicos, que são benéficos ao ser humano, podem enfraquecer e matar os corais e suas algas simbióticas.

Podemos ajudar a proteger os ambientes marinhos ao escolher protetores solares com base mineral e que não contenham compostos químicos conhecidos por ter efeitos negativos no oceano – como é o caso da oxibenzona e do metoxicinamato de octilo, que são muito tóxicos para a vida marinha.

Este pequeno esforço, combinado com o de milhões de outros nadadores, mergulhadores e amantes da praia que pensam da mesma forma, pode ajudar a manter os oceanos mais saudáveis para as gerações futuras, e até a cumprir o Objetivo 14.

Cumprir o Objetivo 14

Sabe o que é o Objetivo 14? Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) são 17, e o Objetivo 14 diz respeito à proteção da vida marinha – Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

Todos os anos, centenas de milhares de animais marinhos morrem devido a sacos de plástico que acabam nos oceanos.



Atualmente, cerca de 40 por cento dos oceanos são considerados densamente afetados por ações do homem. Para proteger a vida na água e ajudar a reverter este cenário bastaria que cada um de nós alterasse algumas atitudes do dia-a-dia.

Todos os anos, centenas de milhares de animais marinhos morrem devido a sacos de plástico que acabam nos oceanos, mas estes são uma pequena parte do problema. Embalagens de comida, talheres de plástico, palhinhas, garrafas de água e de refrigerantes, lâminas de barbear descartáveis, entre muitos outros exemplos possíveis, são alguns dos responsáveis pela destruição de habitats marinhos e morte de animais.

Habituar-se a reciclar, optar por talheres e garrafas reutilizáveis, estão entre os passos que pode começar desde já a dar para reduzir o desperdício de plástico. Tendo de se utilizar, deve optar-se por plásticos ecológicos (biodegradáveis ou recicláveis).

Acondicionar de forma adequada os resíduos plásticos para que não sejam levados pelo vento e pelas águas é outra atitude que fará muita diferença.

Evitar as largadas de balões – muito em voga para celebração de algum evento – e a utilização de balões em geral, pois estes acabam por cair no mar!

Os cigarros fazem mal aos humanos, mas sabia que também fazem mal aos oceanos? Por ano, 4,5 trilhões de beatas de cigarro vão para o lixo em todo o mundo. E, tal como as garrafas e outros plásticos, muitas delas acabam por ir parar às praias e ao mar.

Os filtros de cigarro têm, na sua composição, milhares de substâncias químicas, que podem matar peixes marinhos e de água doce. Se é fumador, deite a sua beata numa lata de lixo ou, se estiver na praia, leve consigo um cinzeiro para depois esvaziar no sítio certo.

Certifique-se de que deixa a praia como a encontrou, eliminando os vestígios da sua passagem por lá. Na areia deve deixar apenas as suas pegadas, não lixo. Se se preocupa com a vida marinha e consigo mesmo, comece hoje a agir. Amanha pode ser tarde demais...

Saber Mais:

<http://ce3c.ciencias.ulisboa.pt/fotos/publicacoes/1482316861.pdf>

<https://www.ods.pt/objectivos/14-oceanos-mares-e-recursos-marinhos/>

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1096294/1/cap.1.pdf>



Evitar as largadas de balões e a utilização de balões em geral, pois estes acabam por cair no mar.



Ataques de cães perigosos aumentaram em 2018

O número de ataques provocados por cães perigosos aumentou em 2018, com um total de 1 359 participações registadas. Os especialistas apontam o dedo aos donos e à sobrelotação dos canis que fizeram aumentar as matilhas nas ruas.

Em 2019, o número de ataques segue a mesma tendência, com 282 registos só no primeiro trimestre do ano.

Segundo Ricardo Lobo, membro da direção da Associação Nacional de Médicos Veterinários (ANVETEM), a sobrelotação dos canis associada à proibição do abate de animais tem feito aumentar as matilhas nas ruas e, por consequência, o número de ataques contra humanos.

Refere ainda que as campanhas de adoção, que se têm intensificado nos últimos anos, podem ser parte do problema. Assistiu-se a um “impingir” de animais de estimação sem ter em conta se os detentores têm capacidade para lidar com certas raças e certos cães de porte médio ou grande.

É importante referir que um ataque provocado por um cão coloca o animal de imediato numa lista de cães perigosos passando estes a ser obrigados a circular



Os especialistas apontam o dedo aos donos e à sobrelotação dos canis que fizeram aumentar as matilhas nas ruas.

na via pública de trela e açaimo, à semelhança do que já acontece com algumas das raças consideradas potencialmente perigosas.

Os animais passam a estar obrigados a frequentar aulas com treinadores e os donos têm que assistir a formações teóricas junto das autoridades.

Segundo o Decreto-Lei n.º 315/2009 de 29 de outubro, é considerado perigoso um cão que “tenha mordido, atacado ou ofendido o corpo ou a saúde de uma pessoa”; que “tenha ferido gravemente ou morto um outro animal, fora da esfera de bens imóveis que constituem a propriedade do seu detentor”; “tenha sido

declarado, voluntariamente, pelo seu detentor, à junta de freguesia da sua área de residência, que tem um carácter e comportamento agressivos”; ou “tenha sido considerado pela autoridade competente como um risco para a segurança de pessoas ou animais, devido ao seu comportamento agressivo ou especificidade fisiológica.”

Por outro lado, é considerado potencialmente perigoso “qualquer animal que, devido às características da espécie, ao comportamento agressivo, ao tamanho ou à potência de mandíbula, possa causar lesão ou morte a pessoas ou outros animais, nomeadamente os cães pertencentes às raças previamente definidas como potencialmente perigosas (...)”.

Saber Mais:

<https://expresso.pt/revista-de-imprensa/2019-05-07-Ataques-de-caes-perigosos-aumentaram-em-2018#gs.ekogdj>

<https://observador.pt/2019/05/07/aumentaram-os-ataques-de-caes-perigosos/>

<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/497605/details/maximized>



Cientistas descobrem mutações nas vacinas contra o VBI das galinhas

Uma equipa de cientistas do Instituto Pirbright, no Reino Unido, descobriu que as vacinas para o vírus da bronquite infecciosa (VBI) das galinhas produzidas em ovos sofrem mutações imprevistas que podem ser suscetíveis a reversões do vírus.

Cerca de 44 mil milhões de galinhas são criadas todos os anos à escala mundial para o setor da alimentação humana. A bronquite infecciosa é uma doença viral que afeta galinhas de todas as idades.

O VBI é um patógeno aviário que atinge o trato respiratório, o trato urogenital e ainda o sistema reprodutor dos animais. Para além de causar doenças respiratórias nas aves infetadas, também ocasiona uma queda na produção de ovos nas aves poedeiras e matrizes.

O vírus atenuado da vacina é gerado a partir da infeção de ovos, através de um processo de crescimento e posterior remoção do vírus, ao qual se segue a infeção de um novo lote de ovos. A sucessão contínua destes procedimentos – conhecida como passagem em série – vai criar uma versão mais fraca do vírus.

Contudo, pouco se sabe sobre o modo como este processo de atenuação afeta o vírus geneticamente e quais os mecanismos que, de facto, o enfraquecem.

O trabalho dos cientistas do instituto britânico consistiu em comparar os genomas do VBI que tinham sido passados mais de cem vezes pelos ovos para perceber quais os genes envolvidos na atenuação do vírus. Acabaram por descobrir mutações nos genomas do VBI, das quais nove se encontravam presentes mais do que uma vez.

Segundo Erica Bickerton, diretora do grupo de coronavírus do Instituto Pirbright, isto prova que usar as passagens nos ovos como meio para criar vacinas atenuadas contra o VBI produz mudanças imprevistas no vírus. A presença de tão poucas mutações consistentes que podem enfraquecer o vírus indica o risco de que uma estirpe criada deste modo possa reverter de forma mais virulenta no campo.

Torna-se necessário, por isso, efetuar uma modificação genética mais direcionada dos VBI para assegurar que as mudanças são fiáveis e conferem melhor proteção.

Saber mais:

<https://jvi.asm.org/content/early/2019/04/25/JVI.00492-19>

<https://www.star-idaz.net/2019/05/infectious-bronchitis-vaccines-study-highlights-the-need-for-targeted-genetic-modification-of-viruses/>

Dietas caseiras podem ser um risco para os gatos

São às centenas as referências lançadas à alimentação caseira para cães e gatos nos últimos anos, mas um estudo recentemente realizado na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos da América, veio revelar que este tipo de dietas pode representar um risco para a saúde dos felinos.

Durante o estudo foram analisadas receitas disponíveis *online*, e em algumas publicações dedicadas à nutrição animal, tendo os cientistas concluído que algumas dessas dietas caseiras tinham menor probabilidade de conter todos os nutrientes essenciais para os gatos e que possuíam, aliás, alguns ingredientes que são potencialmente tóxicos para a espécie.

Das receitas analisadas (114) algumas haviam sido criadas por médicos veterinários e outras por pessoas não ligadas à profissão. Os resultados revelaram que 40 por cento dessas receitas não continham instruções nutricionais ou outros detalhes essenciais.



Noventa e quatro destas receitas possuíam informação nutricional suficiente e, destas, nenhuma continha todos os nutrientes essenciais recomendados para gatos adultos.

Foi possível concluir que as receitas analisadas tinham falta de alguns nutrientes essenciais, independentemente de terem sido criadas por médicos veterinários ou não. Pior ainda, sete por cento dessas receitas possuía ingredientes potencialmente tóxicos para os gatos, nomeadamente alho e alho em pó, cebolas e alho-francês, e algumas continham ingredientes de origem animal crus sem mencionar o risco de contaminação.

De acordo com Jennifer Larsen, autora do estudo, as dietas caseiras não são necessariamente melhores.

O gato precisa de uma série de nutrientes em proporções e quantidades muito específicas. Se optar por cozinhar para ele deve assegurar-se de que a alimentação é segura, equilibrada e adaptada à raça, idade e estado do seu gato. Aconselhe-se com o seu veterinário!

Saber Mais:

<https://avmajournals.avma.org/doi/10.2460/javma.254.10.1172>

<https://www.sciencedaily.com/releases/2019/05/190506160724.htm>

<https://news.vin.com/VINNews.aspx?articleId=53599>

Estudo destaca papel dos animais de companhia no bem-estar dos donos

Sabia que a solidão e o isolamento social podem tornar-se num perigo para a saúde pública maior do que a obesidade? E sabia que ter um animal de companhia pode ajudar a combater este tipo de problemas?

Um estudo realizado pelo Human Animal Bond Research Institute (HABRI), permitiu concluir que os animais de companhia podem desempenhar um papel fundamental na saúde e no bem-estar dos seus donos.

As opiniões dos participantes não deixam margem para dúvidas: oito em cada dez afirma que ter um animal de companhia as faz sentir menos sozinhas e 85 por cento acredita que a interação com um animal de companhia pode ajudar a diminuir a solidão.

Um em cada quatro donos revela que arranjou um animal de companhia porque sabia que seria bom para a sua saúde mental e 54 por cento refere que o seu animal as ajudou a estabelecer ligações com outras pessoas.

Segundo Steven Feldman, diretor executivo do HABRI, são muitos os estudos científicos a demonstrar que os donos de animais de companhia tendem a ser mais felizes, mais saudáveis, menos ansiosos e menos isolados do que pessoas sem animais. Os resultados deste estudo voltam a demonstrar que o laço entre os humanos e os animais pode ter um papel crucial no alívio da solidão e do isolamento social.

Por esta razão, deve-se encorajar as pessoas a arranjar um animal de companhia, no entanto, é importante que sejam donos responsáveis.

Os 10 mandamentos da saúde animal passam pela vacinação, alimentação, esterilização, brincadeira, treino e exercício, aspetos que podem fazer toda a diferença para animais mais saudáveis, com maior qualidade de vida, e mais felizes... para fazerem mais feliz o dono.

Saber mais:

<https://www.waltham.com/news-events/human-animal-interaction/pets-against-loneliness/5788/>

<https://dogtime.com/trending/78191-pets-fight-loneliness-human-animal-bond-research-institute>

<https://www.vettimes.co.uk/news/vets-have-vital-part-to-play-in-sharing-pet-owning-benefits/>



ORNITOLOGIA



BICO DE LACRE



Beleza com ligações para a vida!

Possuem inúmeros tamanhos, cores, e tipos de bico e habitam quase todos os ecossistemas do globo. Atualmente são reconhecidas, aproximadamente, 12 mil espécies de aves.

Constituem uma classe de animais vertebrados. São bípedes, endotérmicas e ovíparas, e caracterizam-se principalmente por possuírem penas, apêndices locomotores anteriores modificados em asas, bico córneo sem dentes e ossos pneumáticos. Algumas são exóticas e mais vistosas que uma flor, outras... cada vez mais raras.



**O bico de Lacre (*Estrilda astrild*)
é uma ave minúscula que se faz notar
por um bico e "máscara" vermelha
que lhe contorna os olhos (...)**

Em Portugal Continental nidificam regularmente sete espécies de aves exóticas, ou seja, que não são originárias do nosso país. Uma dessas aves é o Bico de lacre (*Estrilda astrild*), uma ave minúscula que se faz notar por um bico e "máscara" vermelha que lhe contorna os olhos, e pelo peculiar chamamento.

Originária de África – onde ocorre em toda a região situada a sul do paralelo 10° N –, o Bico de lacre foi uma das primeiras espécies de aves não nativas a estabelecerem uma população selvagem entre nós.

As verdadeiras causas da sua ocorrência são algo difíceis de explicar, sabe-se, contudo, que a

espécie foi deliberadamente libertada em 1968 por "passarinheiros", em pelo menos três locais distintos do território nacional.

Introduzida inicialmente na região do Oeste, a espécie rapidamente invadiu a bacia hidrográfica do Tejo e, pouco tempo depois, as bacias do Sado e do Mondego. Verificou-se ainda a sua presença na região de Faro mas, provavelmente, teve origem numa introdução local, distinta da ocorrida na região Oeste.

Na primeira metade da década de oitenta, deu-se a colonização quase completa das bacias dos rios Tejo e do Sado, e também do Algarve, contudo esta última aparentemente ainda se apresentava isolada até meados da década de

80. Por outro lado, na região centro, verificou-se uma ocupação quase contínua de todo o litoral a sul do Mondego e, de forma menos contínua, da faixa costeira para norte desta zona, até à fronteira com a Galiza.

Na segunda metade dos anos oitenta, a espécie foi observada pela primeira vez no setor alentejano da bacia hidrográfica do rio Guadiana (distrito de Portalegre), havendo também uma ocupação quase contínua de todo o litoral norte até à Galiza (província de Pontevedra).

No início dos anos 90 constatou-se a ocupação de uma grande parte do Baixo Alentejo, verificando-se uma distribuição contínua ao longo do litoral sul, existindo também novas observações na bacia do Guadiana (distritos de Portalegre e Beja). Por outro lado, começa a manifestar-se uma ocupação progressiva da região norte, do litoral para o interior.

Talvez devido a uma maior disponibilidade de habitat, a expansão da espécie foi mais rápida ao longo da metade norte do país. A partir da região oeste do país expandiu-se à velocidade de cerca de 13 km por ano para norte, e de 6 km por ano para sul.

Hoje, o Bico de lacre é uma ave relativamente comum distribuindo-se, de uma forma quase contínua, ao longo de toda a costa portuguesa, desde Caminha (Alto Minho, distrito de Viana do Castelo) até Vila Real de Santo António (Algarve, distrito de Faro).

No interior de Portugal encontra-se relativamente bem distribuído na metade sul do território, ao passo que, no Norte, possui um carácter mais localizado, ocorrendo nas bacias hidrográficas dos rios Minho, Lima, Cávado, Ave e Douro.

O que terá contribuído para a sua rápida aclimação e adaptação? Que tipo de aves são os Bico de lacre?

Identificação e características do Bico de lacre

De pequeno porte, o Bico de lacre mede cerca de 10-13 centímetros de comprimento, 12 a 14 centímetros de envergadura, e pesa entre 7 a 10 gramas. Possui cor acastanhada no dorso e acinzentado no peito, um bico vermelho vivo e uma risca, também vermelha, ao redor dos olhos. Ambos os sexos são parecidos, mas os machos possuem um tom mais avermelhado no peito e a base inferior da cauda preta.

Calmos e coloniais, gostam de viver em comunidade, não se importando com a presença de outras espécies, desde que sejam do mesmo porte.

Alimentam-se frequentemente aos pares ou em bandos, sobretudo de pequenos grãos e sementes, consumindo muito raramente insetos – o que acontece principalmente durante o período reprodutivo, quando necessitam de uma maior quantidade de proteína. Apesar de não serem competitivos quando o assunto é comida, podem causar grandes estragos às plantações de arroz.



A relação entre os Bico de Lacre é de monogamia, ou seja, costumam permanecer unidos para toda a vida.



Entre nós estão presentes numa grande variedade de meios, que vão desde habitats associados a zonas húmidas, como caniçais e outra vegetação que bordeja as linhas de água, assim como a arrozais e outros meios agrícolas.

O sucesso da sua distribuição nos vários locais do país fica a dever-se à existência de biótopos com algumas condições ambientais similares aos das regiões de origem (por ex. temperatura, humidade, vegetação, disponibilidade de alimento e locais de nidificação).

A relação entre os Bico de lacre é de monogamia, ou seja, costumam permanecer unidos para toda a vida. A união dos pares não acontece apenas para criar os filhos – que vêm juntos deixar o ninho.

Apresentando maturidade sexual aos 10 meses, a ave nidifica praticamente ao longo de todo o ano, o que também terá contribuído para o rápido sucesso da sua expansão no país. O território de nidificação, limita-se à área em redor do ninho.

Os ninhos são ovais ou esféricos e construídos a partir de feno, penas, algodão e outros materiais macios no meio da vegetação, no interior dos arbustos e árvores, mas também em plantas herbáceas. Muitas vezes também são construídos no chão, no meio das ervas.

Uma curiosidade a respeito destas aves é que criam ninhos menores sobre o verdadeiro ninho, com a intenção de despistar os predadores e desviar a sua atenção dos verdadeiros ovos.

Apresenta maturidade sexual aos 10 meses, nidificando quase ao longo de todo o ano.

Os Bico de lacre têm várias posturas anuais. Cada postura é composta normalmente por 4 a 6 ovos. O casal incuba os ovos durante 13 dias até ao nascimento dos filhotes, que permanecem no ninho entre 17 a 21 dias.

Estes apresentam plumagem incompleta e apesar da cor vermelha ao redor dos olhos e no bico, característica da espécie, possuem uma coloração muito fraca. Só se alimentam sozinhos três semanas após saírem dos ovos, tendo um desenvolvimento lento, em comparação com outras espécies.

Cerca de 40 dias depois da primeira leva de filhotes, o macho e a fêmea já estão preparados para tomar conta de outro ninho.

Estima-se que um casal de Bico de lacre produza de quatro a cinco ninhadas por época reprodutiva e, justamente, por apresentarem um ciclo reprodutivo razoavelmente curto, são capazes de obter entre 15 e 20 crias por ano. Mais uma razão que explica o elevado número de espécimes.

Se nunca viu um Bico de lacre, e ficou curioso, saiba que é fácil observá-los na natureza.





É importante manter uma distância adequada de ninhos, arenas de exibição (onde algumas espécies executam *performances* próprias de seu comportamento reprodutivo) e locais de alimentação.

Onde observar a espécie em Portugal

Grande parte do conhecimento adquirido sobre a avifauna de um local advém de observadores de aves, por acumularem imagens em vídeo, fotografias e/ou gravação de cantos de aves.

As aves podem ser observadas a qualquer hora do dia, em todas as estações do ano, nas horas vagas, finais de semana e até à noite, quando se pode observar aves noturnas como as corujas, por exemplo.

Porém, os melhores horários para a prática da observação de aves é pela manhã (entre as 6h e 10h) e no final da tarde (entre as 15h e 18h), pois, tal como os seres humanos, as aves procuram uma temperatura ambiente mais amena. Dias chuvosos ou nublados não interferem na atividade das aves, mas ventanias muito fortes e frequentes podem inibir a atividade da maioria das espécies.

Considerado um dos melhores destinos da Europa para a observação de aves, Portugal, apesar de possuir um território relativamente reduzido, é um país com uma excelente concentração de diferentes habitats.

FICHA TÉCNICA - Propriedade e Edição: Tupam Editores SA • Sede: Rua da República Peruana, nº9 1º Dto, 1500-550 Lisboa • Telef.: 217609308 • Fax: 217609141 • Web: www.tupam.pt • email: info@tupam.pt • Diretor: C. Simões-Lopes • Chefe de Redação: A. Correia • Diretor Médico: Prof. Doutor E. Marques Fontes • Diretor Farmacêutico: Dr. V. Lobo Neves • Execução Gráfica: Tupam Editores SA • Circulação média da última edição: 400 exemplares impressos, 5.800 Digitais PDF • Periodicidade: Mensal • ISSN: 2182-2220 • Imagens e Infografias: Técnica & Magia Lda • Publicidade: 217609308 ou dircomercial@tupam.pt • ©Tupam Editores, Copyright 2019 Todos os direitos reservados
VET DIGEST®, o logótipo "Pegaso" e Índice®, são marcas registadas da Tupam Editores. Todas as outras marcas comerciais e marcas registadas, são propriedade dos respetivos detentores. • Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a permissão da Tupam Editores.
Aviso Legal: Os conteúdos deste Magazine são de carácter informativo e não podem ser considerados exatos, fiáveis ou completos, sendo da inteira responsabilidade do leitor a sua interpretação e avaliação.

FICHA TÉCNICA

Nome popular: Bico-de-lacre
(*Common waxbill*, em inglês)

Nome científico: *Estrilda astrild*

Ordem: Passeriformes

Família: *Estrildidae*

Estatuto de conservação: Mundo (UICN):
LC (Pouco preocupante); Europa (SPEC):
– ; Portugal (ICNB): NA (Não aplicável).

Dados biométricos: Comprimento – 10 a
13 cm; Envergadura – 12 a 14 cm; Peso – 7
a 10 g; Longevidade – 8 anos.



Os novatos na experiência de *Birdwatching* – uma atividade que pode ser praticada por todos (crianças, jovens e adultos) mesmo não tendo o equipamento ou conhecimentos adequados –, devem dar primazia ao bem-estar da ave.

O seu habitat deve ficar tal e qual como foi encontrado. O habitat é vital para as aves, pelo que todas as atividades devem respeitá-lo e não provocar dano algum. É importante manter sempre uma distância adequada de ninhos, arenas de exibição (onde algumas espécies executam performances próprias de seu comportamento reprodutivo) e locais de alimentação.

O observador deve evitar falar alto, rir, fumar ou usar perfumes muito fortes, pois os animais percebem, pelo cheiro, a presença de estranhos no seu ambiente. Seguindo estas regras poderá desfrutar da avifauna e da natureza em todo o seu esplendor.

No caso do Bico de lacre, quase todas as zonas húmidas costeiras são boas para o observar.

Entre Douro e Minho pode ser avistado no estuário do Cávado e no estuário do Lima, mas também se avista em Guimarães.

Pouco abundante na região de **Trás-os-Montes**, a espécie ocorre essencialmente nas zonas de menor altitude, podendo ser visto ao longo do rio Douro e também no vale do Tâmega, até à zona de Chaves.

No **Litoral centro** a referência vai para a lagoa de Óbidos, onde inicialmente terá sido introduzido. Adicionalmente observa-se na ria de Aveiro e no baixo Mondego, nas lagoas de Quiaios e, por vezes, na lagoa da Ervedeira.

Na **Beira interior** é pouco abundante, mas pode ser visto nas zonas de menor altitude na Beira Baixa e mais localmente na Beira Alta (já foi visto na lagoa da Urgeiriça, na cidade de Viseu e também no rio Mondego, junto a Celorico da Beira).

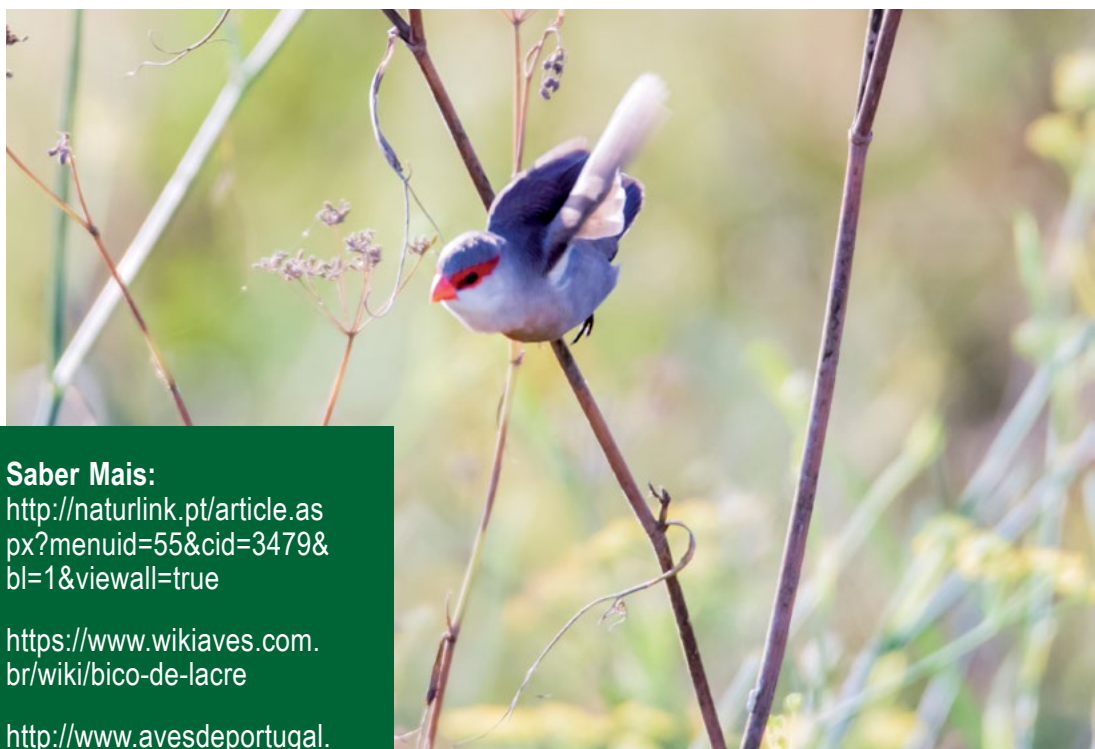
É comum nas zonas baixas da **região de Lisboa e vale do Tejo**. Os locais onde a espécie é mais abundante e fácil de encontrar são o estuário do Tejo e o paul do Boquilobo. Também é possível

vê-lo no paul da Barroca, na lagoa de Albufeira, na várzea de Loures e no vale do Sorraia junto a Coruche.

No **Alentejo** é fácil de observar junto à costa, nomeadamente no estuário do Sado, na Lagoa de Santo André e na Ribeira de Moínhos. Mais para o interior, pode ser visto junto à lagoa dos Patos, na zona de Elvas e, ocasionalmente, junto à barragem da Póvoa.

É possível ainda observá-lo um pouco por todo o **litoral algarvio**, em especial junto às zonas húmidas. Os locais onde é mais frequente são o paul de Lagos, a ria de Alvor, as Salinas de Odiáxere, o estuário do Arade, a lagoa das Dunas Douradas e a Boca do Rio.

Locais não faltam em Portugal para observar esta bela ave... mas nunca é demais reforçar a ideia de cuidado com os ecossistemas e seus habitantes, afinal, cuidar da natureza também é cuidar do homem. Não o esqueça!



Saber Mais:

<http://naturlink.pt/article.aspx?menuid=55&cid=3479&bl=1&viewall=true>

<https://www.wikiaves.com.br/wiki/bico-de-lacre>

<http://www.avesdeportugal.info/estast.html>

Cientistas criam antibiótico capaz de atacar apenas as bactérias más

A luta contra as resistências aos antibióticos é, atualmente, uma prioridade tanto na saúde animal como humana, uma vez que as bactérias multirresistentes são já responsáveis por 33 mil mortes todos os anos na Europa.

Uma investigação realizada por um consórcio internacional de cientistas conseguiu desenvolver um novo tipo de antibióticos programáveis e criados à medida para atacar apenas as bactérias más e que permite evitar as resistências antimicrobianas.

Rodríguez-Patón, Professor do Departamento de Inteligência Artificial da Escola Superior de Engenheiros Informáticos da Universidade Politécnica de Madrid (UPM), coordenador do estudo, refere que da mesma forma que se estão a desenvolver probióticos para regular as bactérias existentes na microbiota intestinal, também se desenharam “bactérias sentinela” programáveis capazes de detetar e matar apenas as bactérias perigosas sem afetar as bactérias boas.

Para isso, os investigadores desenvolveram aquilo que apelidaram de “bomba genética programável”.

O antibiótico desenvolvido, transportado por “bactérias sentinela”, é uma toxina programada para se ativar e matar apenas quando reconhece uma bactéria má. Esta “bomba genética” é transmitida por uma “bactéria sentinela” às suas bactérias vizinhas mediante um processo denominado conjugação.

Segundo o cientista, a conjugação é um mecanismo de transmissão de ADN usado pelas bactérias e que conseguimos programar nas “bactérias sentinela” para enviar a “bomba genética” às bactérias vizinhas. Se esta bomba acede a uma bactéria má, vai detetar determinados sinais moleculares como a virulência ou a resistência a antibióticos que a ativação, matando a mesma.

A eficiência desta nova geração de antibióticos já foi comprovada em organismos vivos, nomeadamente crustáceos infetados com a bactéria aquática da cólera (*Vibrio cholerae*), tendo conseguido eliminar o vírus resistente a outros antibióticos.

Um feito relevante pois a cólera também afeta mais de um milhão de pessoas todos os anos, levando à morte nos casos mais graves.

Saber Mais:

<https://www.nature.com/articles/s41587-019-0105-3>

<http://biotech-spain.com/es/articles/un-gran-paso-hacia-los-antibi-ticos-programa-bles-selectivos/>



Mutação genética pode ser a causa de problemas respiratórios em cães

Até agora acreditava-se que a anatomia do focinho dos cães braquicéfalos era a responsável pelas complicações a nível respiratório que afetam estes animais, contudo, um estudo realizado recentemente por uma equipa de investigadores do Roslin Institute, na Universidade de Edimburgo, veio revelar que estes problemas podem dever-se a uma mutação genética.

Para o estudo os investigadores contaram com uma amostra de 400 cães da raça Norwich Terrier, tendo procedido à análise do seu ADN e realizado exames clínicos às vias respiratórias dos animais a fim de detetar sinais de doença.

Os resultados permitiram apurar que em causa pode

estar uma mutação no gene ADAMTS3, associado à retenção de fluidos e à inflamação – um gene comumente encontrado em cães das raças Bulldog Francês e Bulldog Inglês, o que, de acordo com os investigadores, pode explicar porque é que alguns cães sofrem de problemas respiratórios e algumas complicações após as cirurgias para corrigir o problema.

O gene ADAMTS3 encontra-se em cães das raças Bulldog Francês e Bulldog Inglês, o que explica porque sofrem de problemas respiratórios (...).

Segundo os investigadores, a retenção de fluidos nos tecidos à volta das vias respiratórias pode resultar em problemas respiratórios em cães com esta mutação. Estes problemas são comuns em cães de focinho achatado, que frequentemente sofrem de síndrome respiratória do braquicéfalo – uma doença complexa.

Afinal, a única causa não era o estreitamento (estenose) das vias respiratórias ao nível do nariz, boca, laringe e traqueia, como se pensava, pois o estudo revelou que a mutação do gene ADAMTS3 também pode levar ao desenvolvimento da patologia.

Na opinião de Jeffrey Schoenebeck, um dos autores do estudo, embora

a forma do crânio continue a ser um fator de risco importante, o estado do gene ADAMTS3 também deve passar a ser considerado. Sublinha, ainda, a necessidade de mais estudos para dissecar a natureza complexa desta doença devastadora.

Saber Mais:

<https://journals.plos.org/plosgenetics/article?id=10.1371/journal.pgen.1008102>

<https://www.ed.ac.uk/roslin/news-events/latest-news/dog-dna-find-could-aid-breathing-problems>

<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/05/problemas-respiratorios-dos-caes-tem-origem-no-dna-afirma-estudo.html>

Governo quer criar Sistema de Informação de Animais de Companhia

Com o intuito de responsabilizar os donos de animais e prevenir o seu abandono, o governo apresentou recentemente um projeto-lei para a criação de um Sistema de Informação de Animais de Companhia (SIAC).

A proposta de criação deste sistema vem dar resposta a uma resolução da Assembleia da República de 2016 que recomenda ao governo a fusão do Sistema de Identificação de Caninos e Felinos (SICAFE), criado em 2003, e do Sistema de Identificação e Recuperação Animal (SIRA), integrando, assim, a identificação dos animais de companhia que constam nestes dois sistemas anteriores.

O diploma do Governo explica que o anterior sistema de registos de animais de companhia (SICAFE) estava dependente do cumprimento de obrigações por parte do dono do animal e da junta de freguesia, mas não foi eficaz, pois muitos dos animais eram marcados, mas não eram registados na base de dados nacional.

Com o novo sistema, o médico veterinário que tenha marcado um animal de companhia torna-se responsável pelo registo deste, ficando assegurada a identificação do seu dono.

Por outro lado, são estabelecidos procedimentos mais céleres para o registo das transferências de titularidade, estando também previsto que todos os registos e intervenções sanitárias obrigatórias passem a ser registadas no novo sistema.

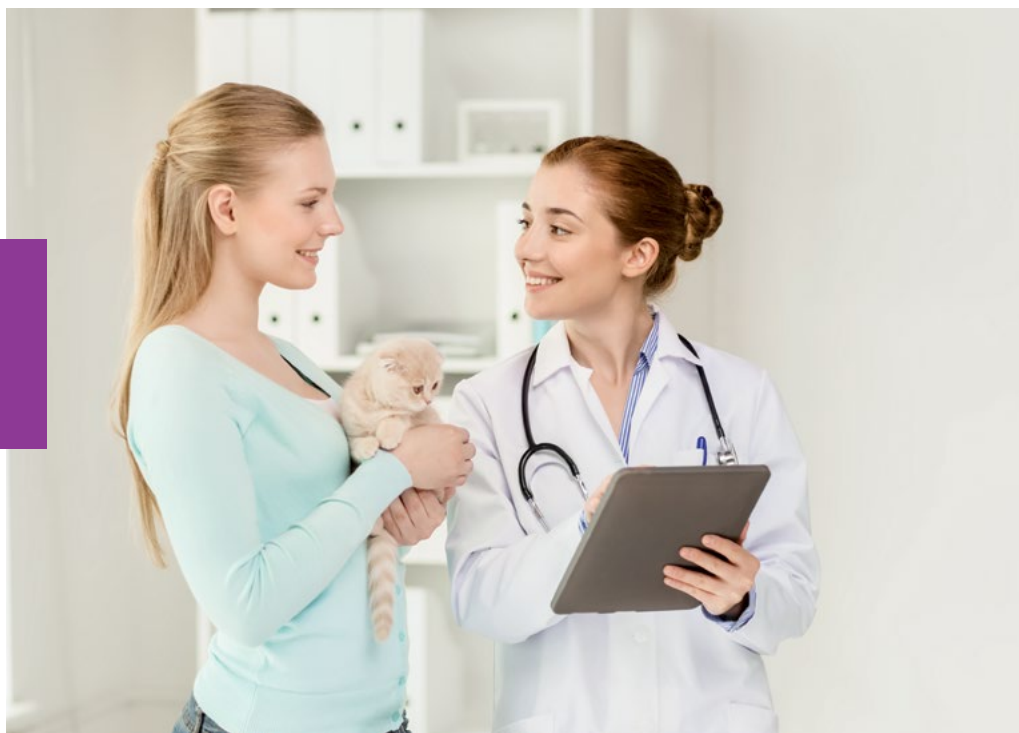
A identificação de animais de companhia é obrigatória para cães e gatos até 90 dias após o seu nascimento, e a sua marcação e registos abrange animais nascidos em território nacional ou nele presentes por período igual ou superior a 120 dias.

Estão definidas coimas de um montante mínimo de 50 euros e máximo de 3.770 ou 44.890 euros (consoante o agente seja pessoa singular ou coletiva), em casos de posse ou detenção de animal que não esteja identificado ou quando o registo de informação por parte de médico veterinário não está em conformidade com as normas.

Saber Mais:

<https://observador.pt/2019/05/16/governo-quer-criar-sistema-de-informacao-de-animais-de-companhia-para-prevenir-abandono/>

<https://www.dn.pt/lusa/interior/governo-quer-criar-sistema-de-informacao-de-animais-de-companhia-para-prevenir-abandono-10907068.html>



A decisão de ter um cão pode estar escrita no ADN

Estudar gémeos é um método conhecido para desvendar a influência do ambiente e dos genes na nossa biologia e comportamento.

Como os gémeos idênticos compartilham o seu genoma inteiro, e gémeos não idênticos compartilham apenas metade da variação genética, comparações dentro do par podem revelar se a genética desempenha ou não um papel em determinada questão.

Uma equipa de cientistas britânicos e suecos analisou uma base de dados de hereditariedade de mais de 35 mil pares de gémeos e ainda dados de registos de cães na Suécia, tendo conseguido demonstrar que a genética pode ter influência na decisão de acolher um cão.

Para os cientistas isto explica porque é que alguns indivíduos têm uma capacidade inata para cuidar e interagir com estes animais ou, pelo contrário, porque é que algumas pessoas têm medo de cães.

O estudo revelou ainda que as taxas de detenção de cães tendem a ser mais elevadas em gémeos idênticos do que em gémeos não idênticos, o que demonstra que a genética desempenha, de facto, um papel importante na tomada de decisão de ter ou não um cão.

Apesar deste tipo de estudo não poder dizer-nos exatamente quais os genes envolvidos, demonstra, pela primeira vez, que tanto a genética como o ambiente desempenham papéis iguais na determinação de ter cães.

Segundo Patrik Magnusson, professor de epidemiologia no Karolinska Institutet e um dos autores do estudo, o passo seguinte é identificar quais as variáveis genéticas que afetam esta seleção e como se relacionam com os traços de personalidade e outros fatores.

Saber Mais:

<https://www.nature.com/articles/s41598-019-44083-9>

<https://www.medicalnews-today.com/articles/325265.php>

<https://www.sciencedaily.com/releases/2019/05/190517081636.htm>



Sabe quais são as maiores fontes de stress para os médicos veterinários?



Um em cada três trabalhadores portugueses está em risco de *burnout*, uma percentagem que tende a aumentar quando se fala de profissionais de saúde (90 por cento), nomeadamente da área da medicina veterinária.

E o cenário não é melhor lá por fora.

Um estudo realizado recentemente na Universidade de Manchester veio revelar quais as maiores fontes de stress para os profissionais de medicina veterinária no Reino Unido.

Coordenado pela investigadora Elinor O'Connor, este estudo ouviu 18 médicos veterinários que ali exercem para explorar as maiores fontes de stress na prática clínica diária, tendo permitido concluir que entre os maiores fatores de stress estão a falta de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, a interação com os tutores dos animais, ter de lidar com questões como a

eutanásia e bem-estar animal deficitário, e ainda a responsabilidade de gestão de equipas.

A depressão, o *burnout* e a ansiedade são as condições psicológicas mais reportadas pelos veterinários.

A investigação sugeriu ainda que os profissionais com maior necessidade de realização e com traços de perfeccionismo tendem a experienciar maiores níveis de stress.

O ano passado, outro estudo, realizado pela

Merck em colaboração com a American Veterinary Medical Association (AVMA) havia revelado que a experiência de trabalho destes profissionais é tão afetada pelo stress que, entre os médicos veterinários com 45 ou menos anos de idade, apenas 27 por cento recomendaria a profissão a amigos ou familiares.

Este estudo permitiu apurar que um em cada 20 médicos veterinários sofre de stress psicológico extremo, tendo este stress mais impacto nos mais jovens, que reportam stress emocional e financeiro relacionado com a vida profissional.

Além disso, a depressão (94 por cento), o *burnout* (88 por cento) e a ansiedade (83 por cento) são as condições psicológicas mais reportadas pelos profissionais neste estudo.

Saber Mais:

<https://veterinaryrecord.bmj.com/content/184/19/588>

<https://veterinary-practice.com/article/how-to-manage-stress-in-the-workplace>

<https://www.veterinaria-atual.pt/na-clinica/criado-grupo-de-apoio-a-veterinarios-e-enfermeiros-alvo-de-burnout/>

ÍNDICE®

www.indice.eu

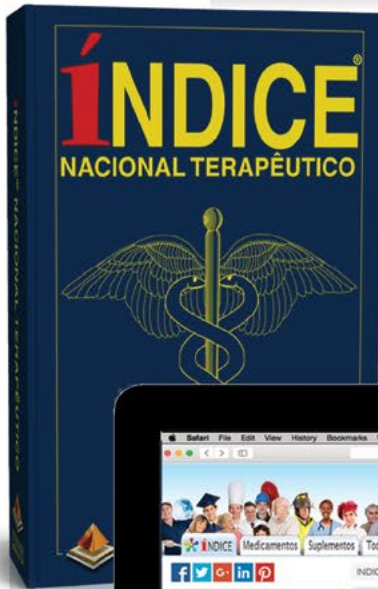
www.indice.eu



ÍNDICE®
4Mobile

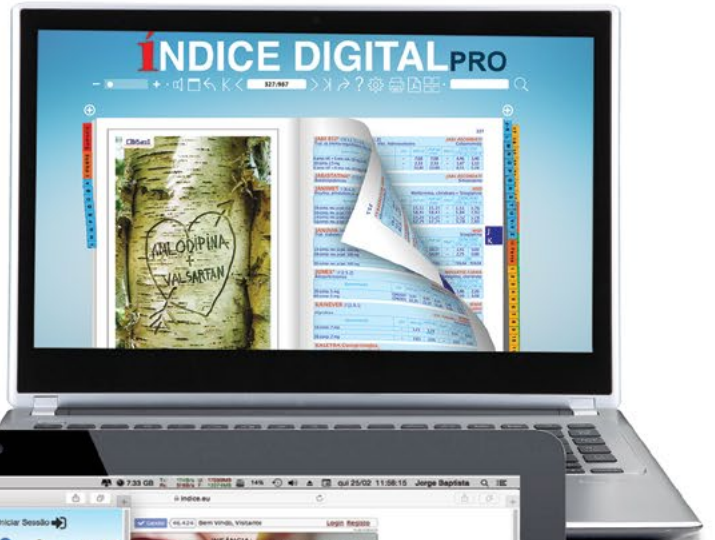


ÍNDICE®
4Mobile



ÍNDICE®
DIGITAL

ÍNDICE®
Compêndio



www.indice.eu

NOTÍCIAS DA SAÚDE?



ÍNDICE[®] PRO



Android e iOS

Compatível com as últimas versões

Faça Download Gratuito nas App Stores